



MOSTRA

OLHAR: UM ATO DE RESISTÊNCIA

www.forumdoc.org.br

¡No soy indio, carajo!

Notas sobre *Yawar Mallku / O Sangue do Condor* (1969), de Jorge Sanjinés

Por Lúcia Monteiro

Segundo longa-metragem do boliviano Jorge Sanjinés, realizado em 1969, *Yawar Mallku / O Sangue do Condor* é a história de duas lutas, narradas em paralelo. Primeiro, há o combate do líder indígena Ignacio Mallku (Marcelino Yanahuaya) contra a organização norte-americana que promove esterilização em massa das mulheres do povoado, sem seu consentimento nem informação — a comunidade só descobre isso depois que uma epidemia mata muitas crianças e as mulheres tentam engravidar, mas não conseguem. Em segundo lugar, está a batalha de seu irmão, Sixto Mallku (Vicente Vernereros Salinas), que mora na cidade e tenta salvar a vida de Ignacio, baleado em razão de sua posição política. A dupla narrativa é organizada de maneira dialética, não apenas em função da articulação, pela montagem em paralelo, dos dois tempos distintos — antes e depois do tiro que fere Ignacio —, mas também pela relação entre o campo e a cidade, o índio e o branco. É Paulina (Benedicta Mendoza Huanca) que faz a ponte, ao levar o marido ferido para a cidade, em busca de ajuda.

Há muitas oposições na maneira como os dois mundos são retratados pela câmera de Sanjinés. O povoado de Kaata é visto em meio ao som de flautas tocando melodias indígenas e a paisagem montanhosa se deixa admirar com calma. Já a primeira aparição das ruas da cidade é acompanhada do som mais incisivo de instrumentos de cordas, e vê-se uma fábrica de barulho agressivo, seguido do apito de um trem. No cenário urbano, a montagem ganha portanto um ritmo mais frenético, com planos curtos e a cadência da modernidade. A música contemporânea de Alberto Villalpando se alterna com a melancolia da guitarra de Alfredo Dominguez e o som de bandas militares, motores e buzinas de automóveis, num registro de excesso e inquietude.

No livro *Teoría y práctica de un cine junto al pueblo*¹, Jorge Sanjinés descreve o processo de realização de *O Sangue do Condor*. O cineasta dá conta, por exemplo, que os nove integrantes da equipe de filmagem, depois de viajar 400 quilômetros entre La Paz e Kaata (15 quilômetros foram percorridos a pé) encontrou uma enorme resistência da população. Aos olhos da população de Kaata, eles eram “gringos bolivianos”. Afinal, como coloca Sanjinés, quem seriam “aqueles brancos que se dizem bolivianos mas sequer falam quéchua?”² No livro, o autor se diz

¹ Jorge Sanjinés, *Teoría y práctica de un cine junto al pueblo*, Grupo Ukamau, Mexico, Siglo XXI, 1979.

² Jorge Sanjinés, *Teoría y práctica de un cine junto al pueblo*, *op. cit.*, p. 27.

arrependido por não ter feito um filme sobre a negociação que antecedeu o início das filmagens. Marcelino Yanahuaga, chefe da comunidade, estava de acordo com a realização do filme mas, apesar dos salários propostos, altos se comparados aos rendimentos que eles costumavam receber, ninguém aceitava participar do projeto. A solução foi consultar o Yatiri, uma espécie de clarividente do povoado, numa cerimônia de Jaiwaco que a equipe de filmagem ofereceu — o Yatiri seria capaz de dizer se a equipe era boa ou má.

De fato, esse processo todo não aparece diretamente em *O Sangue do Condor*. O conflito entre os índios e os brancos está, porém, bem delineado, mesmo quanto os últimos aparecem “cheios de boas intenções”. Em determinado momento, o casal de norte-americanos que vive no povoado tenta comprar todos os ovos que Paulina tem para vender na feira do dia seguinte. Ela oferece-lhes apenas três e eles não entendem. Por que Paulina perde a oportunidade de um bom negócio? Pouco depois, os dois organizam uma doação de roupas para os integrantes da comunidade – e as roupas são devolvidas no dia seguinte. Por traz dessas situações está o comportamento dos brancos, ao mesmo tempo arrogante e ignorantes da cultura, dos costumes e do pensamento dos índios.

É verdade que o retrato dos brancos aparece um tanto estereotipado, não apenas no caso dos norte-americanos, mas também no dos médicos da cidade, que tratam Ignacio com negligência e aparecem preocupados apenas com a própria vaidade e com a posição de poder que detêm. O objetivo do filme, é bom lembrar, era comunicar diretamente com as populações indígenas e talvez por isso não houvesse espaço para sutilezas.

A maior complexidade e as principais contradições estão na caracterização de Sixto. Em sua primeira aparição no filme, ele está jogando bola e seu adversário o agride, chamando-o de índio. “Me ha visto nascer? No soy indio. ¡No soy indio, carajo!”, responde-lhe Sixto. Mais tarde, na casa dele, a cunhada Paulina observa fotografias de estrelas – brancas – de cinema afixadas na parede. Assim, apesar de suas feições, a identidade cultural do personagem permanece nebulosa: ele fala quéchua e espanhol; ele entende os códigos da sociedade moderna e urbana mas mantém-se fiel a sua ética indígena. É, aliás, por seguir essa moralidade que o personagem não rouba a bolsa de uma passante. O furto seria talvez a única solução efetiva para levantar rapidamente o dinheiro de que precisava para comprar sangue, condição imposta pelos médicos para operar Ignacio.

Em *Teoría y práctica de un cine junto al pueblo*, Sanjinés expõe os objetivos desse cinema: servir os interesses do povo; denunciar e explicitar os mecanismos imperialistas; ser visto largamente pelo povo; evoluir para incluir a participação cada vez maior do povo. A beleza, diz ele, deve ser um meio, e não uma finalidade. Nesse sentido, o cineasta vê *O Sangue do Condor* como um ponto de inflexão em sua filmografia: segundo ele, o filme foi feito dentro ainda da ideologia burguesa e comum à classe dominante boliviana, “que fala espanhol e pensa em estado-unidense”, sendo de certo modo vítima do imperialismo cultural que tentava expor. O desafio se colocou nos trabalhos seguintes do Grupo Ukamau, com crescente participação popular e um desvencilhar gradativo da ideologia branca burguesa. De todo modo, *O Sangue do Condor* cumpriu seu objetivo de chegar ao povo — quando da publicação do livro, dez anos depois do lançamento do filme, ele já havia sido visto por cerca de 250 mil pessoas na Bolívia. Nesse sentido, a censura, o boicote e o roubo de cópias que o filme enfrentou são antes de mais nada provas de seu sucesso.